

## OPINIÃO

### Saúde-Trabalho-Ambiente-Direitos Humanos & Movimentos Sindical e Sociais

13-04-2020

## A recomposição

Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Segundo dizem psicanalistas, psicólogos, também literatos e jogadores de futebol em final de carreira, não há, em nenhuma trajetória, a possibilidade de existir uma vida sem crise. Há crises financeiras, na família, no casamento, existenciais, no trabalho.

A síntese é caprichosa: viver é enfrentar, com muita frequência, crises externas e internas.

O meu amigo, Benjamim Pereira Vilela, quando fazíamos estudos ligados à psicanálise pelo grupo Arte do Afeto, em Goiânia-GO, com riso bom no rosto, gostava de repetir: “vamos vivendo, levando as coisas e deixando sobras na alma. Essas sobras, como se fossem uma espécie de lixo invisível, um dia vão saturar a consciência, então explodiremos”. Eu caminhava no curso das palavras do amigo dizendo que “então é hora da autocritica, do exame da memória, do levantamento da vida; é hora da transformação, de mudar a rota dos projetos”. Segundo dizem, nascemos e junto ao nascimento botamos o olho no mundo a partir de uma experiência traumática: a perda do útero.

E todos os eventos de nossa vida psíquica - depois do útero - jamais são eliminados. Por isso, dar bom-dia à luz solar - e se meter em todos os processos de socialização, rapidamente instaurados no esquema de vida social, criam, já na primeira infância, o sentimento de desamparo; a possibilidade de frustração; a necessidade da batalha narcísica e a luta para um possível equilíbrio emocional. Vida a fora a batalha é rente também para o entendimento onde se está pisando e para onde se vai. Portanto, “a vida é ossos”, pois é permeada de crises.

O primeiro beijo na boca; a primeira transa; a gestão da paixão abissal e intensa; o curso a ser escolhido; a profissão a ser seguida; o modo de educar os filhos; a organização dos afetos; a maneira de tratar o desejo; a luta pelo caráter, incluindo a forma pela qual se lida com as condições financeiras, justificam o refrão sartreano: a vida é essencialmente problemática.

A vida é insolúvel, pois é devir. Entretanto, as coisas e as lutas não se resumem ao indivíduo ou apenas à consciência e à tomada de decisão individuais.

Nascemos herdeiros de um mundo objetivo, sob as determinações sociais que nos pressionam, nos condicionam, alienam, oprimem, cortam a vida a partir da luta de classe, da diferença racial e de gênero.

Agora, por exemplo, vive-se o que o arquiteto Guilherme Wisnik chama “apocalipse capitalista” e o que o sociólogo Zygmunt Bauman identificou como “derretimento da realidade”. Fredric Jameson, com força, argumenta que o capitalismo, a partir do século XX, ultrapassou as últimas fronteiras: o inconsciente e a natureza. Por conseguinte, somos objetos da devasta capitalista - e de seus horrores. Um mundo guiado por intensos fluxos do capital fictício, profundamente tecnologizado, afeito a uma torrente de informação, instável, perigoso, violento, comandado por grandes corporações monopolistas, manietado pela ameaça de guerras, gerador do desemprego estrutural, militarizado, sob grandes máquinas de controle, mercantiliza a emoção, o desejo, a subjetividade, o alimento, a moradia, o ócio. Esse mundo cria a tragédia e sob a tragédia todos vivemos sob ameaças iminentes. O “bombardeio sensorial” de informações e imagens; a banalização da ética; a captura da atenção - e toda uma gama de situações que instauram o que Guilherme Wisnik chama “prisioneiros voluntários”, “vida mediada”, “mercantilização do ócio”, “entorpecimento do cotidiano”, “distensão da fronteira entre trabalho e vida pessoal”, recaem na formação de um sujeito eufórico e viciado. A violência e o adoecimento dessa sociedade viral criam o vírus do medo. O medo do vírus. Contudo, em crise é momento de construir questões essenciais; é momento de a crítica sair de qualquer performance e jogo apenas discursivo; é momento de instaurar uma nova consciência da vida que se tem. A crise desafia artistas e poetas, esses que, nas margens, veem a experiência humana fora dos poderes instituídos. A crise pode nos fazer descobrir que nos monturos há vida excelsa, assim como mostrar a magnífica importância do que é útil, sensível e, às vezes, quase imperceptível, por exemplo, a presença de um amigo ou amiga, dos parceiros do trabalho, dos entes familiares. A crise cria um momento de fazer crescer o senso coletivo - e falar de amor pronto para o combate; e de ter coragem para falar de amor. É momento de assumir a respiração – e cuidar dela. O ditado popular é valioso: “às vezes é necessário sair dos trilhos para descobrir outros caminhos”. ■■■

#### Citações

■ Benjamim Pereira Vilela, mestre em Educação Ambiental, um dos criadores do NUPEAT (Núcleo de pesquisa e estudos em Educação ambiental e transdisciplinaridade); Professor do Instituto Federal de Goiás, em Senador Canedo.

■ Guilherme Wisnik - Dentro do Nevoeiro - UBU editora- 2019.

■ Zygmunt Bauman - sociólogo e filósofo polônés - *Capitalismo Parasitário e Outros Temas Contemporâneos*. Traduzido por Eliana Aguiar, Jorge Zahar

■ Fredric Jameson - Crítico literário - *O Inconsciente Político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo. Ed. Ática, 1992.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.